

# TEORIA DO CONHECIMENTO EM GUILHERME DE OCKHAM

## *THEORY OF KNOWLEDGE IN GUILHERME OF OCKHAM*

*José Alves de Souza Neto\**

**Resumo:** Este artigo tem como propósito apresentar a perspectiva de como acontece o conhecimento diante do pensamento do filósofo franciscano Guilherme de Ockham. Uma vez que exaltando a categoria do indivíduo levando ao primado da experiência na qual se baseia o conhecimento, a reflexão acerca dos tipos de conhecimento se dá na divisão entre complexos e incomplexos, para tanto, detalhar-me-ei nos incomplexos, afim de que, possamos refletir sobre o conhecimento intuitivo e abstrativo, e então refletir sobre a vontade de Deus que livremente escolhe criar e é absolutamente criativo em seu agir, pois Deus tudo conhece, uma vez que é a própria consciência criadora.

**Palavras-chave:** Conhecimento. Guilherme de Ockham. Indivíduo. Vontade. Experiência.

**Abstract:** This article aims to present the perspective of how knowledge happens in the face of the thought of the Franciscan philosopher Guilherme de Ockham. Since extolling the category of the individual leading to the primacy of experience on which knowledge is based, the reflection on the types of knowledge occurs in the division between complex and uncomplexed, for that, I will detail myself in the uncomplexed, in order that , we can reflect on intuitive and abstract knowledge, and then reflect on the will of God who freely chooses to create and is absolutely creative in his action, since God knows everything, since he is the creative conscience itself.

**Keywords:** Knowledge. Guilherme de Ockham. Individually. Will. Experience.

\* \* \*

---

\* Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA. E-mail: neto.as@outlook.com

*“Digo, por isso, de outra forma, relativamente à questão, que que uma coisa pode ser conhecida em si, de modo que nada de outro, nem distinto pela razão nem distinto a partir da natureza da coisa, determine o acto de inteligir a não ser ela própria, e isto quer seja conhecida abstractivamente quer intuitivamente.”<sup>1</sup>*

## 1. Introdução

William of Ockham<sup>2</sup>, mais conhecido entre nós brasileiros por Guilherme de Ockham, foi religioso, filósofo e teólogo inglês, nascido aproximadamente no ano de 1288<sup>3</sup> num pequeno vilarejo inglês perto de East Horsley, em Surrey, localizado no sudoeste de Londres. Com bem relatam Lima e Schneider (cf. p.3), tornou-se um frade franciscano e por volta de 1306 foi ordenado como subdiácono. De fato, teve uma educação aprimorada em Oxford, onde mais tarde pode lecionar.

O mesmo é também conhecido como o “príncipe dos nominalistas”, uma vez que se dedicou a várias ramificações do conhecimento, se permitindo passear nas suas reflexões em vertentes que contemplava o campo lógico, científico, filosófico e bem como teológico. Morre, então, em 10 de abril de 1347, em Munique na Alemanha vítima de peste negra.

Além de suas contribuições lógicas, também se destacam suas teorias físicas e, sobretudo, a concepção do conhecimento físico de natureza especificamente empírica, bem como a separação entre a filosofia e a teologia; no campo político-religioso, a autonomia do aspecto temporal em relação ao espiritual, com as suas consequências políticas e institucionais. (ANTISERI; REALE, 2014, p. 614)

Mesmo diante de tanta incompreensão e reflexões abusivas acerca do pensamento de Guilherme de Ockham, bem como a constatação de elementos heréticos e um tanto quanto polêmicos que se deu no limiar da história, até mesmo quando ele posicionou-se a respeito do problema da pobreza da ordem franciscana..., para tanto, é de fato necessário destacar a sua singela disposição em apresentar os ideais da dignidade de cada homem,

---

<sup>1</sup> Guilherme de Ockham, no debate com Henrique de Gand a favor de um conhecimento analógico de Deus, na questão da cognoscibilidade da essência divina.

<sup>2</sup> LIMA e SCHNEIDER em seu artigo *GUILHERME DE OCKHAM: CONHECIMENTO, SINGULAR E PRIMUM COGNITUM* expressa a existência de várias grafias para o nome do filósofo, que é claro além de “Ockham”, podendo escrever: Occam, Ockam, Auquam, Hotham e Ollam.

<sup>3</sup> Nota-se uma incerteza em relação a datas de nascimento e morte do filósofo, contudo evidencio as que percebi constância na pesquisa bibliográfica.

bem como o poder fecundo que cada indivíduo, podendo então ter consciência da fragilidade teórica da harmonia entre fé e razão, bem como da então dita subserviência da filosofia em relação à teologia.

Contudo, a razão humana tem domínio e função diferentes do domínio e da função da fé, desta maneira, “a filosofia não é serva da teologia, que não é mais considerada ciência, mas sim um complexo de proposições mantidas em vinculação não pela coerência racional, mas sim pela força de coesão da fé” (ANTISERI; REALE, 2014, p. 615).

Sendo assim, a onipotência ilimitada de Deus é revelada na sua criação, uma vez que “Deus é absolutamente criativo no seu agir, e não imitativo, como o são afinal de contas, todos os artistas humanos” (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 544). De fato, não há diante de nossa limitação humana compreender até que ponto o projeto de ideação de Deus é compreensível, contudo, de uma coisa temos certeza que é pelo conhecimento intuitivo das coisas criáveis que Deus pode produzi-las, assim, em Guilherme de Ockham não há a presença de ideias universais em Deus, mas somente ideias de coisas individuais.

## **2. Tipos de conhecimento**

Tendo em mente a distinção entre a onipotência divina e a multiplicidade dos indivíduos que não detém de nenhum laço, mas que é reflexo de um puro ato da vontade divina que cria e que racionalmente é indecifrável, mas que deseja que a conheçamos. O frade inglês reflete que o mundo não passa apenas de um conjunto de elementos individuais sem qualquer laço verdadeiro entre si, com isso, nos proporciona a reflexão acerca do primado do indivíduo, e a supervalorização do indivíduo apresentando pelo menos duas consequências dessa exaltação, por assim dizer:

[...] o objeto próprio da ciência é constituído pelo objeto individual; a segunda é que todo o sistema de causas necessárias e ordenadas, que constituíram a estrutura do cosmos platônico e aristotélico, cede seu lugar a um universo fragmentado em inúmeros indivíduos isolados, absolutamente contingentes porque dependentes da livre escolha divina. (ANTISERI; REALE, 2014, p. 617-618)

Contudo, é a partir do primado do indivíduo que acontece o primado da experiência cujo fundamento contempla o conhecimento. Xavier (2010, p.130), nos explana rapidamente destacando que há a existência de dois possíveis modos de conhecimento, a distinguir: ou algo pode ser conhecido em si ou algo pode ser conhecido

num conceito. A distinção se dá entre conhecimento complexo e o incompleto, o primeiro é relativo às proposições que resultam, compostas de termos, e o outro, refere-se aos objetos que eles designam, que recebem a ramificação entre conhecimento intuitivo e abstrativo a qual vamos logo nos deter nesse momento.

A propósito do primeiro, escreve Ockham: “É através do conhecimento intuitivo que se dá primeiro reconhecimento de verdade contingente [...]. Em segundo lugar, com o conhecimento intuitivo é que julgo se uma coisa existe, quando existe, mas também se não existe, quando não existe”. Assim, o conhecimento intuitivo refere-se à existência de um ser concreto e, por isso, se dá na esfera da contingência, porque atesta a existência ou não de uma realidade. (ANTISERI; REALE, 2014, p. 618)

É dessa maneira que a fundamentalidade deste tipo de conhecimento ocupa um lugar de preferência na dinâmica de apreensão de saber, tornando-se de certa forma inquestionável porque sem o mecanismo intuitivo não seria possível outros tipos de conhecimento. Desta maneira, Guilherme afirma que “Intuitivo é o conhecimento a partir do qual começa o conhecimento experimental (*experimentalis notitia*)”, é assim que as proposições aristotélicas acerca da experimentação fundamentam a epistemologia do filósofo franciscano em questão.

Sobre o conhecimento abstrativo,

Ockham escreve que “pode ser tomado em um duplo sentido: por um lado, quando se refere a algo abstrativo de muitos singulares, de modo que o conhecimento abstrativo é o conhecimento de algo universal abstraível de muitos [...]; por outro lado, o conhecimento é abstrativo quando faz abstração da existência e não-existência e das outras condições que ocorrem ou são atribuídas a uma coisa, de forma contingente”. (ANTISERI; REALE, 2014, p. 618-619)

É interessante perceber o caminhar unido desses dois tipos de conhecimentos incompletos, e que a relação de acompanhamento existente do abstrativo para com o intuitivo, contudo, não está preocupado em refletir sobre a existência ou não de determinado objeto, mas que de fato o objeto analisado pode ser o mesmo, mas a captação acontece de maneira diversa, enquanto que no conhecimento intuitivo tem por responsabilidade captar a existência ou inexistência da realidade, o abstrativo se abdica desses aspectos.

Consequentemente,

os dois conhecimentos são intrinsecamente distintos porque cada qual tem seu próprio ser: o primeiro diz respeito a juízos de existência, o segundo não; o primeiro está ligado à existência ou não de uma coisa (por exemplo, o livro sobre a mesa), o segundo prescinde disso; o primeiro é causado pelo objeto presente, o segundo o pressupõe e é posterior à sua apreensão; o primeiro trata de verdades contingentes, o segundo de verdades necessárias universais. (ANTISERI; REALE, 2014, p. 619)

### **3. O singular e o *primum cognitum***

Ao contrário do que defendia a filosofia tomista, o filósofo de Ockham compreendeu e defendeu que o primeiro objeto conhecido não é o universal, mas sim o singular. Assim,

O singular se torna-se então, para Ockham, a pedra fundamental que irá dar sustentação a toda sua doutrina filosófica pois, é somente através do singular como objeto do nosso conhecimento, que as explicações acerca do conhecimento intuitivo e abstrativo se tornam compreensíveis e a teoria da suposição pode ser desenvolvida. (LIMA; SCHNEIDER, p. 10)

A partir disso, o singular na filosofia ockhaniana recebe algumas definições que tomam como base os princípios de que o universal está contido na singularidade de cada coisa em sua existência. Assim a primeira definição é nominal e geral, nominal porque refere-se a uma única coisa e não a várias, e geral por aludir várias coisas, mas sendo apenas uma palavra; a outra tem o caráter ontológico que extingue a possibilidade de uma só palavra indicar vários elementos, abarcando, pois, coisas singulares e individuais, e eis então uma diferença, porque nessa segunda conceituação o universal não está contigo no singular, uma vez que a universalidade é aquilo que não é completamente uno, porém predica-se de muitas coisas.

Assim,

[...] para Ockham existe um mundo objetivo e uma verdade objetiva, que só é acessado a partir do singular. É somente através do singular que Ockham consegue efetivar sua metafísica, pois é ele quem levanta

a problemática acerca do objeto primeiro do intelecto, o *primum cognitum*. (LIMA; SCHNEIDER, p. 13)

Desta maneira, a compreensão acerca do *primum cognitum* acontece em pelo menos três modos, a saber: em relação à propriedade de origem, tendo como fundamento a iniciação do ato de conhecer; em relação a adequação, podendo-se referir à totalidade; em relação a possibilidade de entendimento dele como um objeto inteligível, com o maior grau de perfeição que se possa existir e na cuja compreensão que é possível ser alcançada.

#### 4. Conhecimento de Deus e vontade divina

Boehner e Gilson (2012, p. 544) refletindo sobre o conhecimento e a vontade de Deus em Ockham, expõe que a existência de um intelecto divino pode demonstrar-se rigorosamente, e mesmo a priori. Assim, o conhecer decorre do conceito de um ser supremo a modo de uma consequência formal, para dizer que, Deus é a própria razão, que sendo criadora rege todo e qualquer conhecimento.

Desta maneira, a partir da conceituação agostiniana de que Deus é um *rationaliter operans*, isto é, a razão operante, na própria essência divina não se encontra ideias das criaturas ou somente puros produtos mentais acerca da criação, contudo, contém as próprias coisas a serem criadas. Assim, toda a criação é existente em Deus antes mesmo de ser criada e que possa chegar ao nosso conhecimento.

Sabendo, então, do poder absoluto de Deus na qual Ele pode tudo, e que de fato age de maneira logicamente possível, uma vez que Ele é a razão que opera. Contudo, se faz necessário não cair em contradição à sua vontade positiva e racional, assim, o querer Divino é sempre bom porque é o que Ele quer, e diante da fé isso é incontestável. Desta maneira, “no âmbito criatural não há lugar para qualquer necessidade das essências, à qual Deus tivesse que se sujeitar. Antes, as essências são ideadas por Deus, e livremente intencionadas e criadas por Ele” (BOEHNER; GILSON, 2012, p.545)

É deste modo que se forma a compreensão ockhamiana de que não há uma distinção da vontade de Deus com a sua essência, pois a Sua vontade é idêntica a essência divina, conseqüentemente se entende a perenidade de sua liberdade no agir. Contudo, essa liberdade não é arbitrária<sup>4</sup>, pois seu agir é resultado de quem Ele é, e agir contrariamente

---

<sup>4</sup> Que não segue princípios lógicos; que está sujeito aos desejos e/ou vontades da pessoa que age; que não acompanha nem depende de regras ou normas

a vontade positiva e racional é ir contra ao seu querer ordenado e coerente com a sua essência.

## 5. Considerações finais

É muito válido ressaltar que Tomás de Aquino e João Duns Scotus já haviam relatado a força do processo empírico de apreensão de conhecimento, mas é interessante perceber a originalidade do frade inglês em evidenciar o valor da experiência no processo gnosiológico, uma vez que para o Tomás a experiência é apenas a causa material do conhecimento, e para Duns Scotus “a experiência servia apenas para salientar a atividade do intelecto, que é a causa última do nosso conhecimento intelectual”. (LIMA; SCHNEIDER, p. 4-5)

Sendo então para Guilherme de Ockham a experiência sensível a causa eficiente do conhecimento, desta maneira, só é possível termos acesso ao conhecimento pleno do mundo real através do conhecimento intuitivo do sensível a um objeto exterior a nossa capacidade intelectual ou então através de um conhecimento intuitivo intelectual e aqui abordamos com os termos atos psíquicos que se dão em circunstâncias propriamente ditas como não materiais.

Dito de outra forma, quando recebemos estímulos de um determinado objeto a apreensão acontece efetivamente em duas perspectivas: sensível e intelectual, e ambas são inseparáveis. E diferente do conhecimento abstrativo que reúne de fato a abstração como mecanismo de reflexão, pode permanecer a existir mesmo que a coisa refletida se tenha perdido totalmente.

## Referências

- ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. Vol 1. São Paulo: Paulus, 2014.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: Desde as origens até Nicolau de gusa*. Trad. Raimundo Viera, O.F.M. 13ªed. Petrópolis-RJ. Vozes, 2012.
- LIMA, Ricardo Pereira Santos; SCHNEIDER, Jakob Hans Josef. *Guilherme de Ockham: conhecimento, singular e primum cognitum*. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/1ex501>.
- XAVIER, Maria Leonor Lamas de Oliveira. *A questão da existência de Deus: Uma disputa medieval*. Relatório de Seminário de Pós-Graduação em História da Filosofia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p.126-168, 2010.

*Recebido em: 30/11/2020*  
*Aprovado em: 17/02/2021*